
A MUSEOLOGIA COMO PARTE DA PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE E DA CULTURA MATERIAL INDÍGENA

Elaine Cristine Luz Santos de Moura¹

Lilian Raquel Ricci Tenório²

Resumo: O presente trabalho parte-se do pressuposto de que as culturas e histórias dos povos indígenas podem estar preservadas através dos artefatos, trabalho este realizado durante a pós-graduação de Cultura e História dos Povos Indígenas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Neste sentido, a mediação cultural e o público, são aspectos fundamentais para análise da repercussão identitária que é conduzida na sociedade. A partir dessa perspectiva, faz-se fundamental elucidar termos que relevem sua importância, tal como a memória, história regional, identidade, cidadania e pesquisa em torno da cultura material. Dessa maneira, foram realizadas visitas técnicas ao Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, de maneira a investigar como se dá a mediação cultural em torno dos objetos; e sua educação patrimonial. A base teórica do projeto é composta de diversas fontes disponíveis em catálogos eletrônicos, bibliotecas digitais, e em periódicos científicos, que abrangem informações para compreensão museal e da educação patrimonial. Verifica-se o incentivo à pesquisa, educação, turismo, lazer, valorização histórica, arte e memória. Assim como as restaurações e conservações são âmbitos fundamentais para realização deste e de todos os museus presentes na sociedade contemporânea e para preservação da cultura material indígena.

Palavras-chave: Cultura material; Museologia; Educação Patrimonial.

INTRODUÇÃO

¹ Pós-graduada em Cultura e História dos Povos Indígenas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: elainecristineluz@gmail.com

² Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Grande Dourados. E-mail: lilianricciufms@gmail.com

Ao se abordar a Educação Patrimonial, faz-se fundamental elucidar termos que revelem sua importância, tal como a mediação cultural, preservação patrimonial, e a pesquisa que tem o intuito de promover a cidadania. Partindo dessa perspectiva, verifica-se que é essencial o reconhecimento e compreensão da cultura material como parte do pertencimento e representação de um povo:

Através de ações voltadas à preservação e compreensão do patrimônio cultural, a Educação Patrimonial torna-se um veículo de prática de cidadania em que sujeitos das camadas populares se (re)apropriem de toda uma herança cultural a eles desvalorizados pela educação elitista, proporcionando-lhes um sentimento de pertença nos espaços escolares. (APOLINÁRIO, p.59)

Neste sentido, a mediação cultural, o público, e os artefatos são aspectos fundamentais para análise da repercussão identitária que é conduzida na sociedade. “O museu é definido como um instrumento ou função concebida pelo homem em uma perspectiva arquivística, de compreensão e de transmissão”. (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2013, p. 66). Pois, somente quando o indivíduo sente-se parte integrante de uma sociedade é que o mesmo passa a exercer seus direitos e deveres, valorizando e preservando sua cultura.

A defesa de identidade pressupõe a defesa do passado. Quando um grupo de pessoas se define em um espaço cultural com fronteiras definidas, há necessariamente requerentes de acontecimentos fundadores e de continuidade. O passado é assediado e funciona como deferimento para as lutas do presente, legitimando-as de uma maneira radical porque o termo “história” assume a condição de sentido do tempo, que se realiza nas pessoas, mas está para além delas, na medida em que evidencia uma ordem transcendental. (RAMOS, 2011, p.21)

Dessa maneira, percebe-se que o conceito museal está ligado a educação, sendo este um meio de diálogo que abarca a sociedade, concomitantemente torna-se uma função social de representatividade cultural. Para tal prestígio, é fundamental que haja o receptor (mediador cultural) e o receptado (educando), termos estes abordados de tal forma por Bourdieu e Darbel (2007 p. 71):

O tempo dedicado pelo visitante à contemplação das obras apresentadas, ou seja, o tempo de que tem necessidade para ‘esgotar’ as significações que lhe são propostas, constitui, sem dúvida, um bom indicador de sua aptidão em decifrar e saborear tais significações: a inexauribilidade da mensagem’ faz com que a riqueza da ‘recepção’ (avaliada, grosseiramente, por sua duração) dependa, antes de tudo, da competência do ‘receptor’, ou seja, do grau de seu controle relativamente ao código da ‘mensagem’.

É fundamental que haja um educador e um receptando para instruir e induzir a pesquisa, ou seja, o posto do mediador cultural é essencial para recepção do educando, tendo diversas funções para obter com êxito seu intuito de propor um diálogo e refletindo papel social do museu, conforme Franz (2001, p. 53):

O papel do guia, seja ele um profissional do museu ou um professor de classe, é o de mediar a observação de forma que ela seja aproveitada ao máximo. Diante de obras de arte, mais do que dar respostas, ele deve ensinar a fazer boas perguntas, a problematizar, ele deve levar o aluno a mobilizar seu próprio potencial em torno da obra apresentada.

O mediador cultural deverá guiar o receptado almejando a sua potencialidade, esclarecendo as dúvidas pertinentes, e o induzindo a pesquisa em torno das obras apresentadas. Partindo dessa perspectiva, ressalta-se que o posto do mediador cultural é essencial para recepção do educando, tendo diversas funções para obter com êxito seu intuito de propor um diálogo com sucesso refletindo no papel social do museu:

[...] deve trabalhar com a busca do sentido, oferecendo a possibilidade de, a partir de correlações que estabelece na construção da informação, apresentar o objeto em seus diferentes contextos e sugerir possibilidades de apropriação e de participação efetiva das exposições (RODRIGUES, 2014 apud LARA FILHO, 2009, p.168).

Desta maneira, nota-se que é fundamental que haja uma mediação cultural que induza a pesquisa através da cultura material, tal como educar para a preservação patrimonial, segurança dos museus, e explicar a história pertinente a cada artefato, sendo este um meio de preservação da cultura material indígena.

A CULTURA MATERIAL

Um dos meios de abrangência para concepção do passado é a pesquisa através dos artefatos. O objeto, como exemplo de fonte, tem o intuito manter uma história a partir de sua importância para os receptandos. “Por isso, a diretriz (obviamente não exclusiva, mas necessariamente presente) de um museu histórico seria transformar-se num recurso para fazer História **com objetos** e ensinar como se faz história **com os objetos**” (MENESES, 2005, p.49 grifo do autor).

Percebe-se que o objeto por si só não apresenta informações suficientes para que o receptado perceba sua essencialidade. Dessa maneira, Meneses apresenta o conceito de objeto,

aclarando as perspectivas em múltiplos aspectos museais que tendem a preservar a cultura material indígena.

No museu nos defrontamos com *objetos enquanto objetos*, em suas múltiplas significações e funções – ao contrário, por exemplo, do que ocorre num supermercado, em que os objetos são definidos essencialmente (embora não exclusivamente), por seu valor de uso. No museu objetos de nosso cotidiano (mas fora desse contexto, e portanto, capazes de incorporar experiências alheias) assumem valores cognitivos, estéticos, afetivos, sócio-culturais. Outra parte, é a função documental do museu (por via de acervo, completado por banco de dados) que garante não só a democratização da experiência e do conhecimento humanos e da fruição de bens, como ainda, a possibilidade de fazer com que a mudança-tributo capita de toda realidade humana deixe de ser um salto do escuro para o vazio inteligível. (2005, p.18-19, grifo do autor)

Partindo desse ponto de vista, verifica-se que um artefato não fala por si só, ou seja, é necessário que haja um mediador cultural que demonstre que o objeto deve ser perguntado, para que assim possam se obter respostas através das pesquisas. Assim, é evidente que a cultura material deve ser pesquisada, para posteriormente explanada ao receptor, e deste modo seja induzido a pesquisa, sendo essa uma linha de pensamento voltada para preservação material, a partir do ponto de vista museal³.

Dessa maneira, percebe-se que o objeto tende a despertar a memória do público, e juntamente com o mediador cultural, a condução identitária torna-se fator preponderante no ensino museal, partindo de uma perspectiva muitas vezes elitista e proposital. Assim a narrativa e os objetos passam a constituir uma identidade, valores e ideias partindo da memória que revela o presente.

A identificação do presente que insiste em se vincular a um suposto passado, que daria continuidades e diferenças em relação ao que se tem ou assediados pelo desejo de lembrar é, portanto, a denúncia da memória que se vê sempre de maneira positiva e bem-vinda. O esquecimento esquecido (quer dizer, não

³ Museal. s. m. e adj. (neologismo construído por conversão em substantivo de um adjetivo que é, ele mesmo, recente) – Equivalente em francês: muséal; inglês: museal; espanhol: museal; alemão: Musealität (s. f.), museal (adj.); italiano: museale. Sendo considerada como adjetivo ou como substantivo, a palavra apresenta duas acepções: (1) O adjetivo “museal” serve para qualificar tudo aquilo que é relativo ao museu, fazendo a distinção entre outros domínios (por exemplo: “o mundo museal” para designar o mundo dos museus); (2) Como substantivo, “o museal” designa o campo de referência no qual se desenvolvem não apenas a criação, a realização e o funcionamento da instituição “museu”, mas também a reflexão sobre seus fundamentos e questões. Esse campo de referência se caracteriza pela especificidade de sua abordagem e determina um ponto de vista sobre a realidade (considerar uma coisa sob o ângulo museal é, por exemplo, perguntar se é possível conservá-la para expô-la a um público). A museologia pode, assim, ser definida como o conjunto de tentativas de teorização ou de reflexão crítica sobre o campo museal, ou ainda como a ética ou a filosofia do museal. (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2013, p. 66)

percebido) é a transformação, a mudança, a presença do presente que se livra efetivamente do pretérito, não como ruptura radical, mas como movimento que cede espaço ao devir. (RAMOS, 2011, p.35)

Partindo dessa perspectiva, nota-se que a memória é evidentemente construtora de identidades que nascem de uma relação entre indivíduos, sendo entre eles o mediador cultural e suas interpretações, muitas vezes interligadas com o elitismo. Deste modo a cultura material indígena deve ser preservada com o intuito de abrir possibilidades ao público a apreciar o mínimo da diversidade cultural, quanto abrir espaço a críticas, e assim gerar pesquisas em torno das obras. Para isso, cabe a gestão dos museus permitir que o poder não construa a identidade de um povo em cima da museologia.

Seria possível, então, um museu do devir? Sim, na medida em que a identidade (nacional ou de qualquer outro tipo) deixasse de ser a espinha dorsal. Assim o passado poderia ser estudado sem ser definido ou defendido. Não seria, portanto, apenas um museu de diversidades. Seria algo que, a partir do passado, não estaria com a preocupação de fazer do passado apenas uma legitimidade para reivindicações do presente, descambando para linhas de causa e consequência. O desafio passaria a ser não a exibição das diferenças, mas o pensamento sobre os interesses dos que dividem as coisas e estabelecem as fronteiras. Também teria uma própria abertura para o trânsito, a aventura da crítica, que nunca poderá deixar de perceber o que o poder da memória não se desvincula da memória do poder. (RAMOS, 2011, p.38)

De tal maneira, percebe-se que a eficácia de um museu encontra-se na liberdade em que o indivíduo possui em discernir a transposição e sua memória sem interferências elitistas. Assim, o público ao visitar um museu, sem interferências vinculadas ao poder, com culturas materiais indígenas estará distinguindo e aprendendo diversos costumes, etnologia e história através de pesquisas, combatendo assim, por exemplo, a xenofobia.

A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Em análise a etimologia da palavra “patrimônio” verifica-se que a mesma é originária do latim *patrimonium*, sendo definida como herança familiar ou do pater (pai), o "patriarca"⁴. Concomitantemente, nota-se que através do patrimônio pode-se deparar com a representatividade cultural da sociedade através do legado da história e da memória.

⁴ Disponível em: <http://www.dicionarioetimologico.com.br/patrimonio/>

Elucidando essa afirmativa, Meneses descreve como um objeto não pode ser tratado como identidade, pois identidade é uma construção e não pode ser retratada num único item, portanto devem ser indagados como, onde, por quê e quando esse artefato fez e faz parte da cultura material:

Ora, a identidade é um processo, não um produto, que só pode ser apreendido e entendido em situação, não abstratamente (a identidade se define sempre por oposição a uma alteridade e conforme escala móvel que o jogo dialético produz). Transformá-la numa quintessência que pode ser resgatada é pura ilusão. (MENESES 2005, p.36)

Dessa maneira, nota-se que a educação patrimonial passa a ser exercida a partir do momento que o educando percebe a importância de preservação da cultura e da história exercida através do patrimônio, que tem o intuito de recolher, classificar, preservar, pesquisar, expor através dos documentos e obras apresentadas. Para isso, o indivíduo deve verificar que ao preservar sua cultura, logo sua história é mantida:

A necessidade de trabalhar o patrimônio cultural nas escolas fortalece a relação das pessoas com suas heranças culturais, estabelecendo um melhor relacionamento destas com estes bens, percebendo sua responsabilidade pela valorização e preservação do patrimônio e fortalecendo a vivência real com a cidadania, num processo de inclusão social. (APOLINÁRIO, 2012, p.57)

Através da Educação Patrimonial apresenta-se um suporte de conhecimento com o intuito de promover no sujeito a noção de cidadania. Isso denota, em síntese, que patrimônio é um complexo de bens legados pelos nossos antepassados, representados não apenas no seu restrito sentido material, mas naquela condição de bens que assumem uma dimensão imaterial (ALBUQUERQUE, 2012, p.06), ou seja, torna-se uma referência identitária de um povo que devem ser transmitidas as próximas gerações.

Segundo pressuposto fundamental para a Educação Patrimonial de perspectiva libertadora é a busca da construção de uma nova relação entre a população com o seu patrimônio cultural. Mas para que isso ocorra é preciso garantir, antes, uma participação social efetiva na construção das políticas de proteção da memória e do patrimônio, para que a população possa se reconhecer e se enxergar no patrimônio e na memória oficial. É fundamental, para tanto, considerar no processo de valoração do patrimônio cultural, além dos valores estéticos e formais, os laços afetivos, sociais, simbólicos. (SCIFONI, 2012, p.33)

Verifica-se que educação patrimonial torna-se essencial para apreciação cultural, promovendo intelectualidade e enriquecimento para cada indivíduo no campo da memória

através da mediação cultural. Desta maneira, o mediador e público são induzidos a pesquisa em torno do artefato exposto.

A educação patrimonial e ambiental deve ser conduzida de modo a contemplar a pesquisa, o registro, a exploração das potencialidades dos bens culturais e naturais no campo da memória, das raízes culturais e da valorização da diversidade. À medida que o cidadão se percebe como parte integrante do seu entorno, tende a elevar sua auto-estima e a valorizar a sua identidade cultural. Essa experiência permite que esse cidadão se torne um agente fundamental da preservação do patrimônio em toda sua dimensão. (PELEGRINI, 2006, p. 127)

É nesse sentido que a Educação Patrimonial surge, com o intuito de e aperfeiçoar o conhecimento dos cidadãos, contribuindo, discutindo a identidade e memória através dos patrimônios. Partindo dessa perspectiva, a sensibilização de tais explicações propõe-se a aproximar a realidade de cada indivíduo à preservação patrimonial através do entendimento da importância histórica, dirigindo a um novo olhar. Partindo dessa perspectiva, o sujeito ao deslocar-se a um museu, irá deparar-se com a sua memória diante dos artefatos em exposição. Assim surge a importância do mediador cultural ao explicar para o ouvinte sua pesquisa em torno do objeto, gerando assim um novo olhar tanto pelo público quanto para o mediador cultural:

A meta que se deve ter em vista, portanto, é de despertar no educando a curiosidade, o desejo e o prazer de conhecer e de conviver com os bens culturais enquanto patrimônio coletivo, e de levá-lo a se apropriar desses bens enquanto recursos que aprimoram sua qualidade de vida, e que contribuem para seu enriquecimento enquanto pessoa e cidadão, em suas atividades profissionais, de lazer, de criação e de interrelação com os outros e com o mundo. Desse processo é que decorre o compromisso com a preservação. (LONDRES, 2012, p.14)

Assim a Educação Patrimonial tem a função decisiva no processo de promover o exercício da cidadania, através das preservações patrimoniais e a construir relações efetiva com a sociedade a partir do entendimento das relações sociohistóricas, sendo uma importante ferramenta de afirmação de identidade a partir do momento que se assumam seres sociais e históricos. Sendo essa uma das perspectivas para preservação da cultura material indígena, pois somente quando o público reconhece a importância da diversidade cultural, seus territórios e espaços, é que surge a preservação em relação aos artefatos com o intuito de preservar a memória e história de um povo.

O MUSEU DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

O Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (MuArq/UFMS), localizado na Avenida Fernando Corrêa da Costa, 559, 3º andar. CEP 79002-820 - Memorial da Cidadania e da Cultura Popular Apolônio de Carvalho, e tem sob coordenação o Drº Gilson Rodolfo Martins⁵ e a Drª Emilia Mariko Kashimoto⁶.

O museu apresenta uma diversidade de artefatos que permitem ao visitante contemplar a arte, cultura, história e a arqueologia museal⁷, e aborda diversas culturas, que colaboram de maneira temática a preservação patrimonial, destacando a história, etnologia e pré-história.

O MuArq foi instituído conforme as Instruções de Serviço da Pró-Reitoria de Planejamento, Orçamento e Finanças nº 125/2006, de 03/08/2006, e nº 184, de 06/10/2006, como unidade com status de Divisão da UFMS, vinculada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. O MuArq foi implantado por meio da Resolução nº 53 de 27/09/2006, do Conselho Universitário da UFMS.

A escolha desse museu como parte deste trabalho, justifica-se pela amplitude em artefatos preservados que se enquadram nas perspectivas deste artigo. Com isso, nota-se que o presente museu além de coletar e analisar diferentes sistemas culturais neste espaço regional também configura uma série de exposições didáticas que colaboram com o intercâmbio entre o público e as diversas culturas materiais encontradas, tal como “oferecer apoio a programas de pesquisa e extensão universitária e a cursos de graduação e pós-graduação”.⁸

Para realização de sua função social, o museu possui uma equipe de mediadores culturais e pesquisadores, composto por uma Técnica Laboratório de Arqueologia (Laura

⁵ Doutor em Arqueologia (MAE/USP); Pesquisador Colaborador – FAPEC; E-mail: gilson.martins@ufms.br

⁶ Doutora e Livre-Docente em Arqueologia Brasileira (MAE/USP); Chefe de Divisão do MuArq.

⁷ Museal. s. m. e adj. (neologismo construído por conversão em substantivo de um adjetivo que é, ele mesmo, recente) – Equivalente em francês: muséal; inglês: museal; espanhol: museal; alemão: Musealität (s. f.), museal (adj.); italiano: museale. Sendo considerada como adjetivo ou como substantivo, a palavra apresenta duas acepções: (1) O adjetivo “museal” serve para qualificar tudo aquilo que é relativo ao museu, fazendo a distinção entre outros domínios (por exemplo: “o mundo museal” para designar o mundo dos museus); (2) Como substantivo, “o museal” designa o campo de referência no qual se desenvolvem não apenas a criação, a realização e o funcionamento da instituição “museu”, mas também a reflexão sobre seus fundamentos e questões. Esse campo de referência se caracteriza pela especificidade de sua abordagem e determina um ponto de vista sobre a realidade (considerar uma coisa sob o ângulo museal é, por exemplo, perguntar se é possível conservá-la para expô-la a um público). A museologia pode, assim, ser definida como o conjunto de tentativas de teorização ou de reflexão crítica sobre o campo museal, ou ainda como a ética ou a filosofia do museal. (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2013, p. 66)

⁸ Disponível em: http://muarq.sites.ufms.br/?page_id=174. Acesso em junho de 2015.

Roseli Pael Duarte)⁹ e Alunos bolsistas UFMS, Fundação de Apoio à Cultura e Ensino (FAPEC) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que apresentam os artefatos induzindo o visitante a pesquisa, como por exemplo a arqueologia de contato, e como sanando dúvidas pertinentes. Tendo em vista que “o desenvolvimento das atividades de divulgação científica no MuArq, abrangendo apresentação de audiovisual no auditório do museu, seguida de visita monitorada à exposição de longa duração abrangeram, até o ano de 2012, um total de 11.229 pessoas, predominantemente grupos escolares.”¹⁰

O MuArq/UFMS realiza aulas expositivas referente a Educação Patrimonial através de questionários, mostras de exemplares e bens patrimoniais, palestras, e oficinas de confecção de peças cerâmicas em Escolas Municipais e Estaduais de Paranaíba, Aparecida do Taboado, Selvíria, Três Lagoas, Ribas do Rio Pardo, Bataguassu, Santa Rita do Pardo, Anaurilândia, Batayporã, Costa Rica, Cassilândia, Paraíso das Águas, Chapadão do Sul, Anastácio, Aquidauana, Miranda, Corumbá, Campo Grande, Sidrolândia, Pedro Gomes, Caracol, e Naviraí-Ms, cumprindo assim a função social do museu.

Figura 1 – Fachada do Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁹ Licenciada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: laura.duarte@ufms.br

¹⁰ Fonte: <http://muarq.sites.ufms.br/> Acesso em junho/2015



Fonte: <http://mw2.google.com/mw-panoramio/photos/medium/27198971.jpg>

O MuArq/UFMS tem como comprometimento, demonstrar ao público em geral as necessidades de preservação patrimonial, representatividade cultural, história e da memória, etnologia e pré-história através de ações educativas. Partindo dessa perspectiva, entende-se que “O museu é um local de patrimônio, de coleções de objetos e de artefatos, mas é também um local de lazer, de prazer, de sedução, de encantamento, de reflexão em busca de conhecimentos.” (NASCIMENTO, 2005, p.224)

Figura 2 – Exposição de Longa Duração – MuArq/UFMS



Fonte: http://muarq.sites.ufms.br/?page_id=239

A segurança dos museus também é um aspecto fundamental na preservação dos artefatos, como por exemplo, as cerâmicas neo-brasileiras. Partindo dessa perspectiva, nota-se que diversos museus necessitam de recursos para contemplar a visitação pública e desta maneira favorecer aos visitantes seus intuítos perante a sociedade:

Manter um plano de manutenção preventiva e periódica em um edifício visa a preservar ou a recuperar as condições de uso previsto para edificações, garantindo o bom desempenho de sistemas construtivos e dos equipamentos instalados. A falta de eficácia desses elementos pode causar acidentes e transtornos de várias ordens, como prejuízos à saúde e vida humana, perdas patrimoniais significativas e altos custos de reparação. (ONO;MOREIRA, 2011, p.148)

Nota-se que a abordagem do passado é evidente em diversos museus, porém faz-se fundamental uma análise da segurança patrimonial, estética, e da preservação encontrada, para que assim possam ser analisados qual a função e repercussão que os museus tem refletido perante os cidadãos:

Hoje, com a Nova Museologia e o avanço epistemológico das ciências sociais, os museus passam a ser considerados importantes suportes da memória e elementos de afirmação da identidade cultural de uma dada coletividade. Não há quem possa negar que, no mundo contemporâneo, os museus são instituições culturais relevantes, instrumentos de preservação do patrimônio histórico e indutores do desenvolvimento do turismo. (ORÍÁ, 2013, p. 47)

Como pode ser observado a seguir, os expositores estão alocados de maneira temática, de modo que contempla ao visitante uma ótima visão estratégica podendo identificar

pontos pertinentes aos documentos e afins. Dessa maneira, nota-se que os objetos estão preservados de acordo com a segurança patrimonial, preservando aos artefatos expostos.

O que é exposição: uma exibição que oferece ao olhar objetos, ou idéias? A exposição museológica somente poderia exhibir objetos circunscritos em sua própria concretude como um ritual de idolatria. Tudo o que se debateu até aqui, porém, em especial o caráter convencional da exposição, conduz a direção diversa, em que o objeto aparece fundamentalmente como suporte de significações que a própria exposição propõe. (MENESES, 2005, p. 32)

Na figura 3 nota-se que os expositores do Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul permitem que o visitante contemple a observação dos artefatos de acordo com suas identificações, ou seja, são constituídos por painéis, setores, informes, e facilitam a associação da imagem e história, conforme proposto por MENESES na citação acima.

Figura 3 – Expositores do MUARQ



Fonte: Elaborada pela autora

De acordo com MACHADO (2005, p. 141), a preservação patrimonial está associada à noção de monumentos históricos e surge a partir do momento em que se começa estudar, conservar, e preservar um edifício ou obra de arte que faz parte da história de uma

sociedade. Assim, a tutela e fiscalização governamental, torna-se o ápice para investimento na preservação patrimonial, conforme Decreto-lei Nº 25, de 30 de novembro de 1937:

Art. 24. A União manterá, para a conservação e a exposição de obras históricas e artísticas de sua propriedade, além do Museu Histórico Nacional e do Museu Nacional de Belas Artes, tantos outros museus nacionais quantos se tornarem necessários, devendo outrossim providenciar no sentido de favorecer a instituição de museus estaduais e municipais, com finalidades similares.

Dessa maneira, o MuArq/UFMS propõe desenvolver e atividades culturais e programas que envolvem o público, possuindo um Espaço Lúdico-Pedagógico que estimula a reflexão do visitante de maneira interdisciplinar, demonstrando a diversidade cultural como pode ser observado na figura 3, sendo divididos por 1-povos caçadores-coletores pré-históricos; 2-povos agricultores ceramistas pré-coloniais.¹¹

Figura 3 – Visita da Escola de Anastácio



Fonte: <http://www.anastacio.ms.gov.br/galeria/285/escola-de-anastacio-visita-muarq--museu-de-arqueologia>

¹¹ “As perspectivas interativas no local abrangem: uma área de escavação arqueológica (estrutura preenchida com areia lavada, dentro da qual se encontram peças líticas, cerâmicas e carvões), além de mesas e cadeiras para utilização de carimbos de grafismos rupestres e cerâmicos arqueológicos, para pintura. A atração que o espaço exerce sobre o público infantil é visível e inquestionável, porém observa-se que seria mais plenamente estimulador ao conhecimento científico se houvesse um vídeo introdutório à atividade nessa área, inclusive com linguagem em libras, pois o MuArq também recebe público com necessidades especiais. Tal demanda motivou a produção de um vídeo de animação com libras apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)”. Fonte: <http://muarq.sites.ufms.br/> Acesso em junho de 2015

Segundo MENESES (2015, p.20) “[...] a produção de “eventos” e o funcionamento do museu como “centro cultural” são legítimos e desejáveis apenas para multiplicar e potencializar as funções do museu enquanto museu.”, sendo essas uma das funções sociais, através de dinâmicas que contemplam a Educação Patrimonial. Desta forma, o Museu de Arqueologia da UFMS demonstra as culturas e histórias dos povos indígenas através de atividades socioeducativas que contemplam de maneira pedagógica a diversidade através de atividades em seu espaço lúdico como pode ser observado na figura 4.

Figura 4 – Espaço Lúdico-Pedagógico do MuArq/UFMS



Fonte: <http://muarq.sites.ufms.br/>

Promove a mediação com a transposição de informações tanto educacionais quanto científicas de maneira lúdica e dinâmica para as crianças, jovens e adultos, facilitando

o contato entre as exposições e os visitantes. Desta maneira, a mediação cultural realizada através da interatividade promove a conscientização da diversidade cultural indígena através das dinâmicas e pesquisas realizadas nas atividades.

CONCLUSÃO

A Educação Patrimonial tem um posto decisivo no processo de promover o exercício da cidadania e construir relações efetivas, sendo uma importante ferramenta de reconhecimento sóciohistórico e cultural.

É essencial que o governo, os gestores, mediadores e o público em geral se atenham às necessidades dos patrimônios para amparo do mesmo e que desse modo possam prosseguir com seus objetivos. Tendo em vista que a conscientização da preservação é imprescindível para que essa memória seja mantida.

Constata-se que um artefato não fala por si só, ou seja, é imprescindível que haja um mediador cultural que demonstre, explique, e induza o receptor a pesquisa. De tal maneira, o mediador cultural e pesquisador deve apresentar o artefato de modo a desconstruir as evidências desvalorizadas pela educação elitista, muitas vezes encontradas em monumentos, tombamentos, museus, escolas, e entre diversos patrimônios que compõem a identidade de um povo.

Assim, a Educação Patrimonial visa promover a conscientização da comunidade em torno dos patrimônios, verificando sua história artística e cultural presente na identidade da sociedade. O resultado deste trabalho pode ser verificado através da preservação patrimonial, e na percepção do cidadão em notar sua história através dos artefatos. Portanto, as pesquisas e preservações são resultados da cidadania adquirida através da Educação Patrimonial.

Desta maneira, conclui-se que o Museu de Arqueologia a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul é um exemplo para acadêmicos e comunidade de preservação museal e principalmente de como preservar a cultura indígena através dos artefatos. Suas pesquisas e suas atividades demonstram que o museu propõe um novo olhar em relação a cultura indígena através da variedade de componentes e de sua mediação cultural, sendo este um modelo museal.

Assim sendo, a cultura material indígena pode ser preservada de diversas formas, tendo neste trabalho como destaque a cultura museal, e propõe aos gestores e a comunidade uma visão não elitizada de como perceber e trabalhar diversidade indígena com o intuito de instruir e ser conservar a cultura material.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P.; DARBEL, A.. **O amor pela arte** – Os museus de arte na Europa e seu público. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

DESVALLÉES, A.; FRANÇOIS, M. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo, SP, 2013.

KASHIMOTO, E; MARINHO, M.; RUSSEFF, I. **Cultura, Identidade e Desenvolvimento Local: conceitos e perspectivas para regiões em Desenvolvimento**. Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol. 3, N. 4, p. 35-42, Mar. 2002. Campo Grande, MS.

MATTA, R. **Você tem cultura?** Rio de Janeiro, 1981. Disponível em <<https://docs.google.com/file/d/0B1Qb0U1ox20oREo1VjN1QUExRTA/edit>> Acesso em março de 2015

MENESES, U. T. B. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.2, p. 9-42, 1994 <http://prpg.usp.br/museus.cpg//paginas/mostrar/3391>> Acesso em março de 2015.

MENESES, U. T. B. Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna. IN: **A exposição museológica e o conhecimento histórico**. Disponível em: <<http://prpg.usp.br/museus.cpg//paginas/mostrar/3391>> Acesso em Março de 2015

MORAES, A.P. **Educação Patrimonial nas escolas: aprendendo a resgatar o Patrimônio Cultural**. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ. 2005

ONO, R.; MOREIRA, K. B. **Segurança em Museus**. Brasília, DF, 2011.

Florianópolis, SC, 2001.

PELEGRINI, S. C. A, **Cultura e natureza**: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. Maringá, PR, 2006 Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0102-01882006000100007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em novembro de 2014.

RODRIGUES, B. C.; CRIPPA, G. **A recuperação da informação e o conceito de informação**: o que é relevante em mediação cultural? Belo Horizonte, MG, 2011 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362011000100004&lang=pt> Acesso em outubro 2014.

SCHWARCZ, L. K. M. A Era dos Museus de Etnografia no Brasil: o Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do século XIX. In: FIGUEIREDO, B.; VIDAL, D. G.. **Museus: dos gabinetes de curiosidades ao museu moderno**. Belo Horizonte: Argumentum, 2005. p. 113-136. Disponível em < <http://prpg.usp.br/museus.cpg//paginas/mostrar/3391>> Acesso em março de 2015.